



## O estudo das fronteiras da amizade na academia

Emmeche, Claus

*Published in:*  
Informação, Complexidade e Auto-Organização

*Publication date:*  
2015

*Document version*  
Peer-review version

*Document license:*  
[Ikke-specificeret](#)

*Citation for published version (APA):*  
Emmeche, C. (2015). O estudo das fronteiras da amizade na academia. In M. C. Broens, J. A. de Moraes, & E. A. de Souza (Eds.), *Informação, Complexidade e Auto-Organização: Estudos Interdisciplinares* (pp. 145-176). Campinas, São Paulo: UNICAMP, Centro de Lógica, Epistemologia e História da Ciência. Coleção CLE, Vol.. 73

# O ESTUDO DAS FRONTEIRAS DA AMIZADE NA ACADEMIA<sup>1</sup>

CLAUS EMMECHE

Center for the Philosophy of Nature and  
Science Studies, Faculty of Science (CPNSS),  
University of Copenhagen  
clausemmeche.work@gmail.com

*Para todo problema há simpatia,  
e para o amor há memória,  
e estes são a cabeça e o coração  
conversando entre si com tranqüila amizade<sup>2</sup>*

## 1 INTRODUÇÃO: SOBRE A COOPERAÇÃO ENTRE PESQUISADORES

O filósofo da ciência Karl Popper (1994, p. 7; 93; 209) descreveu a relação especial entre pesquisadores como “a amigável-hostil cooperação entre cientistas”. Popper chama a atenção para o fato de que a objetividade científica não pode ser atribuída a uma postura desinteressada ou imparcial de indivíduos virtuosos. Trata-se, antes, do aspecto social da abordagem da produção do conhecimento adotado pela metodologia científica e pelas instituições científicas de submeter competidores à crítica recíproca. A tensão entre relações amigáveis e competitivas (ou mesmo hostis) pode ser vista como o reflexo do sistema normativo da ciência e das relações acadêmicas, como estudado pela Sociologia da Ciência. Neste ensaio indagaremos o que a amizade pode significar em geral, dentro e fora da academia,

---

<sup>1</sup> Traduzido do inglês por Mariana Claudia Broens e revisado por Inês Di Ponti.

<sup>2</sup> Falado por “o Filósofo” no romance *The Crock of Gold* de James Stephens (p. 130).

e como vários graus de amizade e colegialidade desempenham um papel na estrutura da investigação pública que se desenrola nas universidades. Tem-se a expectativa de que os pesquisadores comuniquem abertamente suas descobertas e melhorem o trabalho por meio da colaboração e da crítica construtiva. Os papéis formais ou semiformais dos colegas e pares são estabelecidos em conjunturas institucionais complexas que podem variar de acordo com contextos nacionais ou culturais, mas que também partilham semelhanças normativas entre culturas epistêmicas diversas, pelo menos na medida em que lidam com pesquisa no sentido de inquirição, seja nos domínios das ciências naturais e sociais ou nas humanidades. As normas informais da amizade – adotadas em todas as esferas da vida humana – interagem de maneiras interessantes com os papéis formais institucionalmente definidos. Podemos considerar que tanto os cientistas naturais quanto os estudiosos das humanidades são pesquisadores que compartilham algumas normas fundamentais sobre a investigação (ANDERSON et al., 2010), mas também devemos reconhecer diferenças marcantes nos estilos de investigação, dependendo dos tópicos e métodos escolhidos. Da mesma forma, podemos reconhecer tanto continuidade quanto diferença entre conhecimento produzido em um cenário institucional formal, como a universidade, e o conhecimento, muito mais informal, implícito e pessoal, criado entre um par de amigos conhecendo-se bem mutuamente – mesmo tão bem que a própria descrição disto como conhecimento “produzido”, como se fosse uma mercadoria, está invocando um conjunto equivocado de conotações sobre o tipo de comunicação que está na base desta relação interpessoal. Devemos esperar que o conhecimento científico e o conhecimento no âmbito pessoal compartilhem algumas semelhanças, por serem ambos de natureza dialógica, e, ainda assim, que sejam diferentes, o que torna suas interações bastante complexas.

Isto possibilita um conjunto de preocupações e questões sobre fronteiras e como pesquisa-las, como fazer um “Estudo de Fronteiras”: quais são as fronteiras entre amizade e colegialidade, entre normas formais e informais, entre estar dentro e fora de uma instituição? Pesquisadores não são apenas agentes institucionais agindo segundo normas formais em um sistema de ensino e pesquisa, mas pessoas reais com toda a complexidade psíquica e social

que isso implica. O que realmente sabemos sobre amizade e suas fronteiras com outras relações nesse cenário? Que papel desempenha a identidade como pesquisador (ou a multiplicidade de identidades entre os pesquisadores) para o surgimento da amizade entre pesquisadores, e o que podem informar-nos sobre isso as várias perspectivas disciplinares nas ciências sociais e nas humanidades (e mesmo nas ciências biológicas)? Este ensaio não pretende responder tais interrogações, mas fazer as perguntas corretas pode ser tão difícil quanto encontrar as respostas; assim, espero que iniciar a discussão sobre como fazer tais perguntas seja, pelo menos, um começo.

Sou grato por refletir sobre estes problemas em um ensaio que constitui um tributo ao trabalho de Maria Eunice Quilici Gonzalez. Eu fui inspirado por seu trabalho, por conversas com ela e seus colegas, e também pela atmosfera amigável em torno a seu grupo de pesquisa na UNESP, campus de Marília, com o qual tenho a sorte de manter contato há vários anos.

Na próxima seção apresento o Estudo de Fronteiras como um modo interdisciplinar de delimitar questões complexas envolvendo seres humanos. Em seguida, apresento uma breve revisão de algumas obras sobre a amizade na academia, em sua maior parte aparecendo em anotações dispersas. Na sequência, apresentarei um estudo piloto recentemente iniciado sobre amizade e colegialidade em universidades dinamarquesas, com foco em sua ambivalência normativa. Na seção final, a noção de amizade vai ser relacionada à possibilidade de combinar diferentes perspectivas disciplinares.

## 2 O ESTUDO DE FRONTEIRAS COMO ABORDAGEM DE FENÔMENOS COMPLEXOS

O Estudo de Fronteiras pode ser definido como uma pesquisa interdisciplinar das fronteiras entre diferentes fenômenos *informacionalmente complexos* no sentido de não serem comprimíveis em descrições simples, especialmente fenômenos envolvendo seres humanos em contextos culturais, históricos, sociais, organizacionais, psicológicos etc.. Esta noção de complexidade tem uma base bem definida e formal na teoria da informação algorítmica (CHAITIN, 1992), e está de acordo com a ideia contemporânea de que o próprio objetivo da ciência é oferecer esquemas de explicação que sejam breves, concisos e gerais (leis naturais, esquemas

explanatórios, teorias, modelos) para o entendimento de fenômenos complexos. No contexto atual, o objetivo é transformar descrições complexas e elaboradas (como observações sobre o movimento dos planetas) em uma forma comprimida que capture a essência do fenômeno, os padrões exibidos pelos objetos da investigação. Esta ideia foi fortemente ligada à abordagem unificadora do positivismo como Filosofia da Ciência (CREATH, 1996) e com o reducionismo científico, como o inspirado pelos avanços em biologia molecular (HULL, 2002). No entanto, essa ideia também despertou um ceticismo bastante difundido tanto na ciência, ao ressaltar os fenômenos emergentes (ANDERSON, 1972), quanto na Filosofia da Ciência, ao focalizar múltiplas perspectivas (GIERE, 2006), e nos estudos científicos, ao enfatizarem confusões irreduzíveis (LAW; MOL, 2002). Poucas ciências dos fenômenos sociais e humanos conseguem lidar com a complexidade por meio de instrumentos formais. O Estudo de Fronteiras aceita a definição formal de complexidade informacional, mas opta também por abordagens informais, ao reconhecer os limites das estratégias da pesquisa formal e reducionista. Não é claro se a precisa noção de complexidade informacional traduz para contextos externos às ciências exatas, onde não há linguagens formais disponíveis para descrever os fenômenos, ou permitir comparações estritas da profundidade das descrições. Em tais casos, frequentes nas ciências sociais e humanas, a “incompressibilidade” das descrições é antes uma metáfora da necessidade de trabalhar com o que os antropólogos denominam descrições densas (GEERTZ, 1973), ou com o que pode ser visto na tradição hermenêutica como um fenômeno constante de expansão do horizonte de compreensão culturalmente determinado. Complexidade, neste sentido, se refere a fenômenos que não são simplesmente “complicados” (como quando um sistema pode ser descrito por meio de um modelo ou simulação não padronizado), mas que necessitam ser descritos por duas ou por uma multiplicidade de perspectivas irreduzíveis (cf. GALLOPIN et al. 2001), frequentemente enraizadas em diferentes disciplinas de pesquisa.

Assim, o Estudo de Fronteiras<sup>3</sup> pode ser visto como o caminho do meio entre os extremos de renunciar a alcançar alguma generalidade no conhecimento e apegar-se a abordagens reducionistas em situações em que modelos simplificados conduzem apenas à reificação ou a formalismos inúteis. O Estudo de Fronteiras trabalha num âmbito de interações de risco situado entre teorias gerais e observações recalcitrantes; ele oscila entre alcançar a compreensão racional e coerente de algo e o devido respeito pela confusão fenomenológica, mediando as preconcepções paradigmáticas estabelecidas que tendem a desconsiderar anomalias e as descobertas fortuitas daquilo que é único, e surpreendente e fenomenologicamente confuso, sacudindo o observador e estimulando a pesquisa. Esta é a postura epistemológica do Estudo de Fronteiras e sua abordagem de pesquisa consiste em focalizar os vários tipos de fronteiras, tanto *de re* e *de dicto*, fenomenológicas e conceptuais, i.e., fronteiras no mundo e fronteiras entre as disciplinas e sua correspondente visão de mundo.

Ao estudar a amizade na academia, encontramos tanto as fronteiras relacionais da amizade, como quando indagamos se a pessoa é apenas colega ou também amiga de algum tipo, quanto as fronteiras entre as tentativas de investigar detalhadamente a própria noção de amizade e seu exercício, e as fronteiras tênues entre os estudos antropológicos, sociológicos e históricos da amizade. Observando a pesquisa acadêmica e os laços de amizade, vemos uma certa confusão em ambos: “pesquisa” denota não apenas pesquisa acadêmica, mas também investigações policiais, jornalísticas, ou até processos inovadores em empresas; mesmo a pesquisa acadêmica pode revelar fronteiras nebulosas entre produção e aplicação do conhecimento.

Assim, em diferentes momentos, filósofos discutiram acaloradamente o problema de demarcar com precisão a distinção entre alegações

---

<sup>3</sup> Este conceito de Estudo de Fronteiras constitui parte do trabalho desenvolvido no projeto *Humanomics*, cujo objetivo é mapear as humanidades na Dinamarca (cf. <http://www.mapping-humanities.dk/>), o que inclui estudar as atividades de pesquisa em fronteiras disciplinares e explorar as possibilidades de contato e intercâmbio em grau mais elevado. A expressão é utilizada de modo independente pelo *Global Heritage Fund*, que declara em seu site na rede que “[...] na região do Mar de Barents, Noruega e seus vizinhos foi cunhado o conceito de ‘Estudo de Fronteiras’ ou o ‘tráfico transfronteiriço de cultura’ como um agente de mudança econômica. O objetivo é aumentar o contato cultural entre as fronteiras da região”. Disponível em: ([http://globalheritagefund.org/in\\_the\\_news/conferences/cultural\\_heritage\\_across\\_borders](http://globalheritagefund.org/in_the_news/conferences/cultural_heritage_across_borders)). Acesso em: abr., 2014).

científicas e alegações não científicas de conhecimento. Quando observada de dentro, a pesquisa acadêmica é um fenômeno multifacetado com diferentes, mas frequentemente superpostos, estilos de pesquisa, em diversas disciplinas. Da mesma forma, “amizade” é um fenômeno rico e multifacetado e, embora possa haver algum entendimento aparentemente comum da amizade nas sociedades ocidentais, tal entendimento está longe de ser claro, facilmente discernível ou tão universal quanto aparenta. Como mencionámos, filósofos da amizade ainda discutem definições de amizade em contraste com outras relações interpessoais como ter conhecidos, amor romântico ou familiar, e eles podem estar tão incertos em relação a casos fronteiros entre essas relações quanto todos nós podemos estar quando levantamos questões similares sobre amizade e amor fora da academia.

### **3 COLEGIALIDADE E AMIZADE NA ACADEMIA: UMA BREVE REVISÃO**

Em um comentário feito à rotulagem do Popper já mencionada sobre a atitude crítica dos cientistas, Hildur Kalman aponta que, mesmo que a crítica entre colegas seja bem-intencionada e feita com o objetivo de melhorar o trabalho, pode ser difícil lidar com ela no plano emocional. A crítica pode assumir a forma de uma “explosão de irritação e impaciência com o que se percebe ser uma forma completamente equivocada de abordar um tema de pesquisa” (KALMAN, 2013, p. 40), e embora os que recebem a crítica possam às vezes considerá-la útil, ela também pode causar frustração e parecer incompreensível. Esta ambivalência levanta questões sobre como os pesquisadores lidam com a colaboração e a competição na pesquisa e com a interação entre relações formais e informais, como mencionado na Introdução. Qual é o papel da amizade entre colegas de pesquisa e, em geral, na atividade científica e nas relações acadêmicas? Estas questões pertencem à intersecção entre os estudos da amizade em geral e a história e sociologia da ciência, mas a literatura sobre estes tópicos, ao menos a literatura em inglês à qual tive acesso, parece ser bastante esparsa e longe de ser sistemática. Assim, apresento na sequência uma descrição um pouco impressionista de um campo bastante fragmentado.

A amizade informal entre estudiosos teve uma importância vital na formação auto-organizada das primeiras sociedades científicas e na “República das Letras” no início da modernidade europeia (KÜHN, 2011), somado à ênfase dada pelos intelectuais à amizade ou sociabilidade e ao aprimoramento cívico para o bem comum (ver, por exemplo, HONEYBONE, 2005). Exemplo disto é a troca mútua de ideias e como estudiosos individuais puderam exercer um impacto duradouro sobre seus colegas. Em seu notável mapeamento histórico da sociologia intelectual da filosofia no oriente e no ocidente, Randall Collins (1998) enfatiza a importância desses laços pessoais e, nos seus mapas fascinantes das redes intelectuais entre filósofos, Collins distingue laços entre conhecidos, laços entre mestres e discípulos e laços de confronto. Infelizmente, ele não analisa a amizade intelectual enquanto tal.

Podemos pensar que o surgimento da amizade entre estudiosos individuais e filósofos naturais desempenhou um papel crucial na etapa de formação da ciência no início do período moderno, em contraste com a modernidade tardia. Hoje em dia, uma vez que a ciência está profissional e institucionalmente sedimentada, a amizade entre cientistas ou estudiosos é frequentemente vista como potencialmente problemática, e mesmo como algo “marginalizado nas relações acadêmicas” (GOODRICH, 2003, p. 25). Um dos sinônimos de amigo em inglês é *comparsa* (*crony*), termo que pode invocar a conotação negativa de que benefícios mútuos que *comparsas* dividem são obtidos às custas dos outros. Assim, relações entre *comparsas* denota a indicação de amigos e parceiros para posições de autoridade, como a de professor titular, sem considerar devidamente as qualificações, mérito e formas justas de contratação (como o nepotismo, o favorecimento de membros da família nas contratações)<sup>4</sup>.

A historiadora da amizade Eva Österberg situa os perigos da relação entre *comparsas* (*cronism*) na vida pública em geral na formação dos estados nacionais no início da modernidade (ÖSTERBERG, 2010, p. 74ss). Nesse período, o advento da burocratização, do controle financeiro e o monopólio da violência por parte do estado foram elementos centrais da

---

<sup>4</sup> O termo nepotismo é largamente usado na linguagem cotidiana inglesa e na dinamarquesa para designar também o favorecimento de amigos. O uso do termo *comparsaria* (*cronism*) ainda não é prevalente.



constituição do estado, um processo que, em princípio, deveria diminuir a importância dos contatos informais, alianças de amizade e relações de clientelismo na vida pública. No entanto, na prática, a burocracia e a meritocracia, de um lado, e a lealdade pessoal, de outro, existiram em paralelo durante muito tempo. Apesar disso, a formação do estado foi central para transformar a amizade, o amor e a sexualidade em fenômenos considerados principalmente como relações privadas, pessoais e informais, enquanto nos períodos clássico e medieval não eram consideradas claramente separadas da esfera pública. Segundo os clássicos, uma amizade virtuosa entre dois homens bons não apenas conduziria ao crescimento do autoconhecimento e da integridade dos indivíduos como também enriqueceria a sociedade. Österberg (2010, p. 79) aponta que, com o advento da democracia e dos estados de bem-estar social, o apadrinhamento e as redes de amigos e familiares “[...] perderam seu encanto na vida pública. Em vez disso, as instruções formais, as regras escritas, os princípios da meritocracia imparcial e da burocracia racional progressivamente passaram a caracterizar a vida pública”. É claro que isto também se aplica às instituições científicas públicas, embora os detalhes desta história ainda não tenham sido escritos.

É difícil dizer por que há tão poucos (ou nenhum?) estudos focalizando a relação de *comparsas* (*croniysm*) na academia; o fenômeno pode ser raro, invisível e muito difícil de investigar, ou pode simplesmente ser um tabu. Sociólogos indicaram que a *comparsaria* pode tanto ser institucional quanto cognitiva, entendendo “*comparsaria cognitiva*” como o comportamento de pesquisadores que favorecem os membros da escola de pensamento a que eles próprios estão filiados enquanto desfavorecem pesquisadores pertencentes a outras escolas. Travis e Collins (1991) ilustram tal prática com material coletado em comitês de avaliação de projetos para obtenção de auxílio financeiro do Conselho Britânico de Pesquisa em Ciência e Engenharia, descobrindo que algumas vezes os membros dos comitês tomam decisões baseados em sua filiação científica a uma dada escola de pensamento. Travis e Collins (1991, p. 337) podem estar certos a respeito de sua preocupação de que *comparsaria cognitiva* atua de modo conservador, dificultando a manutenção de um nível vital de “[...] ousadia, diversidade e risco calculado na atividade científica”, mas será isso um

exemplo de favoritismo que envolva relações de amizade entre pesquisadores em particular? Parece antes ser um fenômeno de grupo, talvez relativo a uma noção política de amizade organizada por dicotomias de grupo como amigo/desconhecido, amigo/inimigo, minha turma/outra turma e, desse modo, semelhante a formas de compreensão da amizade mais arcaicas entre *hetairoi* (camaradas, cf. KONSTAN, 1997) ou organizações políticas (cf. SMITH, 2011 sobre Carl Schmitt).

É mais fácil ter acesso a experiências positivas dos pesquisadores sobre a amizade acadêmica – termo que sugere um equilíbrio facilmente obtido entre as normas científicas mertonianas (compartilhamento gratuito de conhecimento, objetividade, desinteresse, universalidade etc., cf. MACFARLANE; CHENG, 2008; ANDERSON et al., 2010) e as normas da amizade (incluindo uma certa exclusividade e cuidado preferencial pelo amigo) – mas parece faltar pesquisa empírica sobre as tensões no interior desse equilíbrio. A proposta do estudioso da educação superior Jon Nixon (2008) de desenvolver a amizade como um ideal implícito de práticas acadêmicas que aspirem a uma “universidade virtuosa”, em contraste com as práticas em voga de gestão universitária em termos de eficiência econômica, é altamente inspiradora e oportuna. No entanto, ao colocar-se como um programa filosófico-político, precisa ser complementado por uma análise mais profunda da relação entre a forma virtuosa e a forma mais “política” de amizade na universidade.

Existe mais material anedótico sobre cientistas como amigos, mesmo sobre a ciência como “um meio para a amizade” (KELLER, 2006), por exemplo em obituários e biografias sobre amizades intelectuais muito próximas, como a de Niels Bohr com Albert Einstein, com Werner Heisenberg ou com outros cientistas. Um estudo sobre a amizade entre arqueólogos durante a Segunda Guerra Mundial mostra a força de crenças compartilhadas na atividade científica como um objetivo e um esforço internacional colaborativo para além de divisões ideológicas, embora tensões políticas efetivamente influenciaram a pesquisa (DÍAZ-ANDREU, 2007). Um estudo recente que focaliza aspectos positivos da amizade na academia, concebida como uma estrutura em rede de capital social, mostra que a colaboração com amigos tem um efeito positivo na produção científica de

publicações. O estudo afirma que este tipo de relação pessoal é um recurso subutilizado na academia que pode auxiliar na integração da comunidade científica (KIOPA, 2013).

Enquanto a amizade no sentido moderno é antes uma relação não institucional, relações mais formais, como o casamento, podem obviamente incluir qualidades de amizade próxima entre o casal. Historiadores da ciência estudaram casos de companheirismo na atividade científica, uma relação que se torna institucionalmente visível quando se trata de casamento, estando assim mais sujeita a regulamentações contra o nepotismo<sup>5</sup>. É possível indagar a respeito da extensão em que as amizades na prática científica contemporânea são clandestinas, ou minimizadas pelos amigos, ou simplesmente negligenciadas pelo ambiente de trabalho, mesmo no contexto de colaboração na pesquisa.<sup>6</sup> Sassi e Thomas (2012) fizeram uma revisão da literatura sobre a relação mentor/*protégé* e utilizam sua história pessoal para ilustrar e argumentar a favor da possibilidade de utilizar tal relação como método na pesquisa qualitativa sobre educação, especialmente relativa às áreas de literatura e estudos multiculturais. Eles (2012, p. 840) afirmam que: “os futuros pesquisadores que iniciaram suas atividades participando no projeto de pesquisa de seus mentores podem ser posteriormente mais capazes de enfrentar os desafios de suas próprias pesquisas”.

Para concluir esta seção, podemos dizer que, antes da atividade científica ser institucionalizada e claramente demarcada em relação à filosofia, a amizade entre pesquisadores pode ter tido um valor menos ambí-

---

<sup>5</sup> Em uma antologia sobre casais que colaboraram cientificamente entre si, muitos deles casados, vários autores mostram que as carreiras científicas das esposas americanas e europeias foram restringidas pelas políticas contra o nepotismo das universidades ou outras instituições que contrataram seus maridos. No entanto, em relação à produção de pesquisa desses casais, Sally Kohlstedt observa (no mesmo sentido que Kiopa, 2013) que “o resultado parece ser consistentemente melhor, especialmente se uma das medidas for a produção científica; o resultado de muitos desses casamentos é um trabalho significativo que continua a ser reconhecido. De fato, para muitos parece que, quando compromissos domésticos e acadêmicos têm intersecções, a produtividade é mais alta do que se poderia esperar do trabalho de cada indivíduo isoladamente (KOHLESTEDT, 2012, vi).

<sup>6</sup> Surpreendentemente, uma obra recente intitulada *A política emocional da colaboração em pesquisa* (na qual aparece o trabalho de Kahlman, 2013, acima mencionado) não discute o papel da amizade nem o do apadrinhamento acadêmicos. Assim mesmo, essa obra e a de Bloch (2012), que tampouco discute esses tópicos, são fontes de inspiração recomendáveis.

guo e positivo do que parece ter depois da institucionalização da pesquisa e a “privatização” da amizade. Assim, Vanessa Smith e Richard Yeo (2009, p. 7), editores de um número especial de uma revista de história sobre o papel da amizade na condução da atividade filosófica e científica europeia nos séculos dezessete e dezoito, apontam que

[...] a amizade, em todas suas formas e variações, frequentemente transcendendo filiações religiosas e nacionais, foi uma relação através da qual ideias e informação foram trocadas e debatidas, dívidas intelectuais foram assumidas e pagas, reputações foram estabelecidas e destruídas.

Sem dúvida as contingências históricas influenciaram o estatuto da amizade em geral e a da atividade científica. Citando novamente Österberg (2010, p. 118):

As grandes mentes clássicas e medievais defenderam em geral que uma amizade ideal aspira à realização do bem para um fim elevado: para Aristóteles, pela associação ao melhor amigo para tornar-se um homem sábio e justo na vida pública e privada; para Agostinho e Bernardo de Clairvaux, ao ligar-se a um amigo na busca por Deus. Na sociedade moderna, a ênfase é considerar a amizade como privada, pessoal e emocional.

Vamos agora indagar como esta noção “privatizada” de amizade se relaciona com a noção de colegas profissionais de pesquisa.

#### 4 CONVERSANDO COM PESQUISADORES SOBRE AMIZADE E COLABORAÇÃO

O estudo piloto aqui apresentado foi planejado como a primeira fase de um projeto de pesquisa empírica de Filosofia e Sociologia da Ciência<sup>7</sup>. O projeto tem como objetivo investigar as relações estruturais

---

<sup>7</sup> O estudo “Normas, valores e relações interpessoais formais e informais na academia” é realizado na Universidade de Copenhague e é parcialmente financiado pelo Programa de Pesquisa “Humanomics” da Fundação Dinamarquesa Velux (Financiamento n° 437810)

na universidade, enquanto uma organização de trabalho acadêmico e educacional, entre diferentes tipos de papéis de relações interpessoais, como o papel de ser colega de profissão, colaborando em projetos de pesquisa e programas de ensino e competindo para obter reputação, cargos e financiamento, ou o papel de mentor ou orientador em diferentes níveis da hierarquia acadêmica, incluindo a orientação de alunos de doutorado; ou o papel de amigo em algum sentido social ou intelectual ou outros tipos de amizade – inclusive, apenas para completar o quadro, como ter algum relacionamento íntimo ou fazer parte da família. Focalizaremos aqui a colegialidade e a amizade.

Estamos interessados em como as normas profissionais nas relações científicas e acadêmicas – as quais focalizam a qualidade do trabalho, isto é, o conhecimento e as competências produzidas (WHITLEY, 2000) – interagem, se equilibram ou colidem com as normas informais e as expectativas de uma relação próxima como a amizade (com normas envolvendo igualdade, voluntariedade, reciprocidade, confiança, honestidade, auto-revelação e confidencialidade). Em quais situações a colaboração intelectual será concebida em termos puramente profissionais e mantida separada de diferentes tipos de amizade relativos ao trabalho? Quais condições podem permitir um equilíbrio ou mesmo uma sinergia entre colaboração entre colegas e a amizade genuína? Como os cientistas e estudiosos lidam com o desafio do favoritismo, entendido como a prática de dar um tratamento preferencial injusto a uma pessoa ou a um grupo às custas de outros, especialmente ao favorecer familiares (nepotismo) ou amigos (comparsaria)? Como é vista tal ameaça? O nepotismo e a comparsaria são vistos como perniciosos em si ou a maior fonte de preocupação é que tal conduta se torne pública? Os cientistas e estudiosos diferenciam boas e más formas de favoritismo? Em outras esferas, como as de pequenas empresas familiares, não há o mesmo temor pelo nepotismo, ele até pode ser cultivado. Além disso, nem todas as formas de favoritismo são institucionalmente condenadas, pois a universidade pode ter políticas de contratação de jovens talentos em vez de talentos mais velhos, de mulheres no lugar de homens em áreas em que há uma distribuição desigual de gêneros, ou de realizar ações afirmativas e adotar sistemas de quotas em benefício de minorias.

Estamos interessados nestas questões vistas no contexto do local de trabalho acadêmico, um departamento inteiro ou um grupo de pesquisa, enquanto espaço, não somente de colaboração ou competição entre colegas, mas também de conflitos profissionais e pessoais, conflitos que podem ser, ou não, decorrentes de nepotismo e comparsaria. Em diálogos realizados como entrevistas qualitativas semiestruturadas (KVALE; BRINKMANN, 2009), indagamos sobre a experiência geral dos participantes não apenas quanto à colaboração e competição acadêmicas, mas também sobre outros conflitos relacionados ao trabalho. Como eram as experiências desses conflitos, como se lidava com eles e quais eram suas implicações? Quais processos favoreciam o surgimento de conflitos e quais estratégias eram adotadas para que fossem dissolvidos, contornados, prolongados ou resolvidos? Qual é a percepção de resolução de conflitos; poderia ter sido imposta ou isso seria considerado inapropriado? Ao conduzir as entrevistas estamos abertos para o fato de que os pesquisadores estão longe de querer falar a respeito de conflitos sérios. Todos os pesquisadores entrevistados tiveram garantia de anonimato e confidencialidade segundo as normas padrão da pesquisa qualitativa.

O guia das entrevistas, elaborado para facilitar o diálogo, começa com perguntas sobre a posição do pesquisador na carreira, a natureza das colaborações, etc.. Nosso objetivo é uma conversa aberta onde seja possível desviar-se do roteiro da entrevista para explorar detalhes inesperados mais profundamente do que seria possível em pesquisas quantitativas. Dois auxiliares de pesquisa realizaram trinta entrevistas com pesquisadores em *campi* universitários na área de Copenhague, que acomodam departamentos das universidades de Copenhague, Aarhus e Aalborg. As entrevistas de pesquisa qualitativa semiestruturadas, de aproximadamente uma hora de duração, foram gravadas para análise posterior. Como o estudo piloto é um subproduto de um projeto de mapeamento das humanidades na Dinamarca, tivemos como alvo pesquisadores (professores titulares, livre-docentes, assistentes doutores, pós-doutores e estudantes de doutorado) das humanidades (departamentos de Letras, História, Cultura, Literatura, Comunicação etc.), mas também foram incluídos alguns pesquisadores de departamentos de ciências sociais, ciências da saúde e ciências naturais para contraste comparativo.

O objetivo do trabalho, então, é reunir histórias sobre experiências concretas de entrevistados anônimos como uma base empírica para refletir e teorizar sobre sistemas normativos em locais de trabalho acadêmico. O projeto piloto é exploratório, sem uma hipótese específica para testar, está aberto a surpresas ou mudanças de foco, e convida os pesquisadores contatados a usar a entrevista como espaço para a reflexão sobre suas próprias experiências. Como um trabalho inicial, o estudo é realizado segundo um espírito falibilista, permitindo falhas sob certos aspectos (por exemplo, falhando ao não pretender reportar-se a revistas internacionais de alto impacto). O projeto está assim aberto e tem uma certa leveza, considerando-se que esta área de pesquisa está subexplorada e precisando de novas ideias e abordagens para geração de hipóteses; por meio dele esperamos inspirar nossos leitores para refletirem sobre o tema, apresentarem críticas e levantarem novas questões.

Assim, o que os pesquisadores dizem sobre suas cooperações amigáveis/hostis na academia? Alguns exemplos são apresentados abaixo, lembrando que as entrevistas ainda estão sendo realizadas. Não pretendemos alcançar algum tipo de representatividade a respeito de fatores sociais (idade, gênero, classe, disciplina, estágio da carreira, etc.). Embora a análise das entrevistas não tenha ainda acabado, podemos já perceber que os diálogos revelam interessantes casos de ambivalências normativas (MERTON, 1973; CAROLAN, 2010; NIELSEN, 2012; KIOPA, 2013) que influenciam a própria experiência das relações interpessoais no local de trabalho acadêmico e o sistema normativo da atividade científica. Os tópicos apresentados foram agrupados por temas lidando com fronteiras entre colegialidade e amizade, hierarquia, trabalho colaborativo, e a consciência de conflito de interesses e nepotismo/comparsaria.

## 5 AMIGOS NO TRABALHO? MILAGRES E CAMPOS MINADOS

Um professor associado de um departamento de Letras mencionou de passagem alguns de seus velhos “colegas-amigos”<sup>8</sup> e foi-lhe perguntado se ele fazia alguma distinção entre colegas e amigos.

“É uma boa pergunta. É um *continuum*. Entre as pessoas com as quais trabalhei se encontram alguns de meus amigos mais próximos, amigos pessoais, pessoas a quem confiaria sérios eventos de minha vida privada. E a pessoa que chegará aqui, se posso acrescentar, colaboro com ela no campo x, e ela se tornou uma de minhas melhores amigas ao longo do processo. Então é isso. Há todo um *continuum*, pessoas que é bom conhecer em um congresso, assim é fácil enviar-lhes uma mensagem, pessoas com que se tem boas relações acadêmicas, mas com as quais não se troca confidências, e às quais não apelamos quando estamos em dificuldades. É assim ... não consigo sempre distinguir entre eles; e algumas vezes, como profissional, você gasta uma grande parte de sua vida social lidando com colegas.”

- *Mas é possível ter uma assim-chamada verdadeira amizade enquanto se trabalha junto?*

“Certamente penso que é possível. Você sabe, NN, junto com quem escrevi um livro, é certamente um dos meus amigos mais próximos. E já éramos antes de começar a escrever o livro, e *mirabili dictu* nossa amizade sobreviveu à escrita do livro – um livro que começamos a escrever em 1997 e que foi publicado em 2011!” (Professor D, q213)

Frequentemente há essa consciência de diferenças de tipo quando se caracterizam relações, e também o reconhecimento da continuidade entre os tipos e uma avaliação das diferentes vantagens desses tipos. Em uma colaboração com um amigo próximo, de acordo com esse professor, se a pessoa tem um problema de saúde ou de qualquer outro tipo, ela está confiante de que o amigo se mostrará compreensivo com a diminuição de seu desempenho: “não tenho medo de perder prestígio acadêmico, porque

---

<sup>8</sup> Em dinamarquês “faglige venner” significa “colega” ou amigos/pares “profissionais”, e o prefixo “fag” pode também significar um tópico de ensino, uma disciplina de pesquisa ou uma profissão; “faglig” significa “relativo a temas acadêmicos (*collegial* em inglês) de ensino e pesquisa”; “faglighed”, por sua vez, significa “profissionalismo” ou “competência acadêmica”.



não tenho tanto prestígio assim para perder junto a ele, pois ele me conhece muito bem desde o início” (D, q223). Conhecendo-se mutuamente, a energia se volta para o trabalho sem a necessidade de mostrar a própria excelência acadêmica.

Outra professora associada de um departamento de educação assume uma atitude mais cética sobre a natureza da amizade pessoal combinada com relações colaborativas, e retoma a visão clássica de que amizade real não tem propósitos externos ou instrumentais:

“Bem, então você deve definir o que é a amizade. Pensei sobre isso quando recebi o convite para participar nesta pesquisa. Vou dividir a amizade em três categorias: há amigos genuínos, há colegas e, entre os dois, estão as relações mais amigáveis ou parecidas com amizade. Se você retoma a definição clássica de que a amizade é algo que é um fim em si mesmo, não há interesse instrumental algum. Entendo que seria ingênuo pensar que nossos colaboradores são amigos nesse sentido: porque você está junto para ... bem porque pensar é um fato social, você não pode pensar sozinho. Se você é excluído do contexto social, não é possível pensar. Há certamente exceções neste mundo. Mas se você está completamente isolado, não há pensamento real. Então isso implica que, enquanto mantemos relações com alguém, é porque há um interesse. Mas, então, você tem aquelas relações, como as de velhos colegas de escola, em que não há interesse instrumental, porém você mantém uma ligação com eles de algum modo. E há os colegas com os quais você pode ter uma boa relação, mas além do trabalho você não interage com eles. E há ainda os que estão no meio do caminho, que combinam ambas interações, pois são instrumentais, em alguma medida, mas também pode emergir um laço de afeto. E estes laços são interessantes na medida em que são tão precários” (Professor E, q586)

Para esta professora, o próprio contexto do trabalho, a produção de um resultado, mesmo que intelectual, para alcançar algum propósito definido externamente à relação torna impossível ver os colaboradores acadêmicos como instâncias de amizade pura<sup>9</sup>. Sua concepção está conectada

---

<sup>9</sup> Isto é, amizade pura no sentido de Aristóteles, segundo a qual o amigo é amado pelo que ele é e não pelo prazer ou utilidade que ele traz, e cuida do amigo para o bem dele, antes do que o próprio.

à ideia de que colegas são sempre concorrentes em potencial, especialmente os colegas da própria instituição:

“Entre colegas da mesma instituição haverá uma forte situação competitiva que é fatal, por razões óbvias, para a amizade. Mas a dimensão competitiva também se coloca com pessoas de fora, com os colegas com os quais você mantém relações semelhantes à amizade. Também podem ocorrer situações em que você terá um impacto em sua condição de trabalho. Você pode perder uma amizade em circunstâncias assim! Porque você pode ter que desconsiderar ou passar por cima de alguém ... não importa o quanto essa decisão seja justificada objetivamente. Assim, é um campo minado”. (E, q576)

Cientistas e estudiosos não apenas contestam objetivamente hipóteses em seu campo de trabalho, ao mesmo tempo também avaliam seus pares que pleiteiam uma posição de trabalho, financiamento para a pesquisa, ou a publicação de um texto. Uma amizade genuína deve ser muito forte (quase milagrosa?) para não ser suscetível às pressões resultantes da competição pesada que facilmente conduz a conflitos, afastamentos, etc..

## 6 PROXIMIDADE E DISTÂNCIA

Amizade próxima na academia pode ter suas raízes fora dela, como quando amigos não iniciam sua amizade na universidade, mas em outros espaços de contato social como clubes, esportes ou escola primária ou secundária. Uma amizade próxima pode auxiliar os recém-chegados a sobreviver em um local de trabalho hierárquico e competitivo, mesmo se o amigo pertence a outro departamento ou universidade. Uma aluna de doutorado colocou:

“Tenho uma amiga muito boa, acabamos de passar juntas uns dias de férias numa casa de campo; ela está escrevendo sua tese de doutorado junto a outra universidade, e gostamos muito da companhia uma da

---

Assim, os motivos para cultivar esse tipo de amizade “precisam ser desinteressados, uma vez que o bem procurado pela atividade em questão não é de natureza competitiva” (STERN-GILLET, 1995, p. 76)

outra, mas não podemos estar juntas tanto quanto ambas gostaríamos, pois temos tantas outras coisas para fazer (...) E nossos projetos têm um pouco em comum quanto à sustentação teórica e interesses em geral (...) De fato é minha amiga mais antiga, nos conhecemos desde o colegial. Assim ela é uma amiga muito, muito próxima em termos de minhas relações pessoais. Creio que uma das razões pelas quais continuamos amigas é que nos desenvolvemos na mesma direção – tivemos os mesmos interesses educacionais e somos assim, você sabe. A possibilidade de podermos discutir essas coisas é uma parte muito importante da alegria de estarmos juntas e sentimos falta de ter mais pessoas para conversar a respeito disso. Assim, porque temos esses interesses profissionais em comum, sentimos que nos conhecemos e nos tornamos cada vez mais próximas” (Estudante de doutorado A, q191)

Há um sentido da amizade em que a alegria de estar junto a alguém com quem você pode ser você mesmo constitui uma parte essencial (LITTLE, 2000) comparada a seus conteúdos específicos, como partilhar interesses e ideias e oferecer apoio mútuo, e suas condições de possibilidade, como uma situação não competitiva e algum grau de igualdade. Nas entrevistas realizadas até ao momento há algumas indicações de que, em geral, ter uma relação de amizade com alguém (além de ser colega) é mais fácil e comum quando as duas pessoas estão no mesmo patamar da hierarquia meritocrática. Um pós-doutorando que participa de um grupo de pesquisa envolvendo alunos de doutorado e pesquisadores *senior* em um grande departamento de humanidades fez a seguinte reflexão sobre a questão:

“Os colegas com quem mantenho relações mais próximas à amizade estão neste departamento”

- *Também com pessoas com quem você trabalha?*

“Sim”.

- *Você consideraria alguma delas como amiga?*

“Sim”.

- *E não apenas colega?*

“Sim, eu diria que várias delas”.

- *É o mesmo tipo de amizade que você poderia ter fora do trabalho?*

“Sim, uhm ... algumas vezes pode haver, bem, colegas no mesmo nível que você, outros pós-doutorandos e coisas assim, então sim, certamente. Se você tem uma relação profissional mais desigual, por exemplo se você tem um chefe, você pode sentir mutuamente algum tipo de amizade, mas também há uma relação profissional que deve ser mantida e que pode interferir e entrar em conflito com o modo como um se comporta com o outro, comparada a uma situação fora do local de trabalho, certo?”

- *Assim como NN [o chefe]?*

“Sim, ele por exemplo. Como é sigiloso, posso dizer que ele e eu temos uma relação muito boa, mas ele é também meu chefe, certo? Você tem que manter isso em mente algumas vezes. Mas há outra pessoa, que eu realmente gosto de considerar meu amigo, MM, meu ex-orientador de doutorado, que creio foi bem amigo, no entanto isso significa que há uma dimensão adicional, há algumas vezes uma distância maior.”

- *Você acha que é mais fácil começar uma amizade com alguém que está no mesmo nível que a gente?*

“Sim ... possivelmente.” (Pós-doc B, q131).

As entrevistas mostram variações sobre quão discernidos são os membros de uma equipe relativamente a estabelecer relações consideradas de distintos tipos, como fins em si mesmas ou como *continuum*, ou ambos. Parece que membros mais jovens da equipe, como estudantes de doutorado, são menos discernidos a respeito de colegialidade e amizade que a equipe *senior* – especialmente os *seniors* em relação aos jovens que não ocupam cargos permanentes, possivelmente em parte porque os *seniors* frequentemente atuam como orientadores, líderes de pesquisa e avaliadores em bancas de teses, e podem sentir a necessidade profissional de manter uma distância pessoal por conta da relação desigual de poder que está envolvida. Por outro lado, colegas que pertencem à mesma área de pesquisa e também são amigos podem ter uma certa hesitação a respeito de estabelecer uma colaboração. Como explica o líder de pesquisa e professor associado:

“Creio que as pessoas podem ser um pouco relutantes de serem amigos pessoais e colaboradores acadêmicos. Isso porque em algum momento a relação de cooperação pode parar ou desaparecer, certo? E como fica então a amizade? Por exemplo, NN é um muito bom amigo meu sentado no fundo do corredor. Está claro que se eu for fazer algo na área dele, então eu falaria com ele a respeito e diria ‘você gostara de participar?’ ou ‘o que você acha?’, certo? Eu nunca faria algo que ele pudesse entender como concorrência ou como um problema. Por outro lado, há alguém que conheço com quem colaboro profissionalmente, então você tem um tipo de amizade profissional, mas fico preocupado se esse colega se torna meu amigo pessoal. Um exemplo pode ser um estudante graduado ou um pós-doutor com quem eu trabalhe, mas em algum momento preciso tomar uma decisão como “não vou solicitar a renovação de sua bolsa” ou “não creio que você seja bom o suficiente” ou “uma outra pessoa está precisando do financiamento”, certo? Se somos amigos pessoais, e eu preciso tomar uma decisão como essas, realmente estaria com um problema. Sim, porque há uma relação de poder envolvida”. (Professor C, q821)

## 7 TRABALHANDO JUNTOS: A SENSÇÃO DO QUANTO VOCÊ DEVE FALAR

Um estereótipo comum é que pesquisadores nas ciências naturais trabalham juntos em grandes equipes enquanto as humanidades se caracterizam por solitários que trabalham isolados em seus próprios projetos, mantendo contato com outros colegas por meio de arquivos ou monografias escritas. Isto está frequentemente relacionado à imagem convencional de que a interdisciplinaridade é comum nas ciências naturais (pensemos em tópicos como nanociência, biotecnologia ou tecnologia informacional), mas não nas ciências humanas. A realidade é mais complicada. Em um estudo sobre o uso de diferentes fontes e formas de trabalho interdisciplinar, Palmer e Neumann (2002, p. 109) consideram que conquanto seja:

[...] verdade que os estudiosos que investigamos não trabalhem usualmente em equipes formais de pesquisa ou escrevam numerosos textos em coautoria, todos estavam engajados em relações de trabalho em andamento com outros estudiosos e pareciam muito menos isolados que os estudiosos de humanidades caracterizados em outros trabalhos.

Esta é a impressão geral que temos no presente trabalho. Embora muitos estudiosos ainda prefiram ser os únicos autores de seus textos, eles não os escrevem completamente por si mesmos e se sentem dependentes de (e gratos por) comentários obtidos junto a colegas, colaborando em antologias ou projetos conjuntos semelhantes. No entanto, a colaboração na produção de trabalhos acadêmicos, com o foco de alcançar a melhor qualidade científica de um artigo, capítulo de livro ou relatório, facilmente coloca certa tensão sobre relações descontraídas de colegialidade, o que tende a excluir a amizade com pesquisadores *senior* ou os líderes de grupos. Uma líder de grupo de pesquisa falou a respeito da dificuldade de fazer com que os pesquisadores e colaboradores a ela subordinados em um trabalho coletivo aceitem o entediante processo de reescrever seus textos: “tivemos muitas discussões do tipo ‘sim, você precisa reescrever isto mais uma vez’” (Professora B, q003). Seus colegas não estavam acostumados a críticas diretas entre pares, pois, para eles, a avaliação por colegas ou não era frequente ou era anônima, e se era recebida uma avaliação mais pesada, era possível se autoconsolar chamando o avaliador de ignorante. Mas confrontados com uma crítica direta, para alguns é difícil não levar a crítica para o lado pessoal ou interiorizá-la, como se pensassem “não sou suficientemente bom”:

“é muito, muito difícil quando você senta, oferece um *feedback* e observa o que acontece com a pessoa que precisa ... que interpreta as coisas e ... quero dizer trata-se de ser profissional e não levar as coisas para o lado pessoal, mantendo a distinção! Porque somos tão voltados à nossa vida profissional, achamos difícil distinguir a pessoa do texto: ‘o que eu escrevo, eu sou.’” (Professora B, q999)

Em um cenário ideal e igualitário, a troca de críticas profissionais incisivas pode combinar colaboração acadêmica e amizade, especialmente se os pares em questão estão posicionados no mesmo nível da hierarquia universitária. No entanto, depreende-se da citação acima que é preciso ir além do plano pessoal e aceitar que a crítica é um componente profissional acompanhado por respeito, e não precisa ser contrário ao afeto pessoal.

Assim, quando a professora foi perguntada a respeito de amigos no local de trabalho, ela respondeu:

“Vejo meus colegas como amigos, mas não como amigos pessoais. Eles são colegas, amigos de trabalho, e isso tem sido muito importante para mim ... mas nos conhecemos bastante bem, e temos tempo durante nossa vida acadêmica de perguntar ‘como estão as crianças?’ ... acompanhamos a vida uns dos outros, certo? Não nos vemos em casa, em privado, ou nos fins de semana, mas fazemos parte da vida uns dos outros. Sendo colegas, especialmente aqui, e sabemos quem são os outros, as relações deles e quando alguém está triste!” (Professor B, q864)

O objetivo parece ser um tipo de equilíbrio, alcançar (contrariamente a Popper) uma esfera acadêmica de relações de trabalho não hostil, mas amigável (correspondendo à categoria intermediária do professor B acima citada). É importante para a fluidez das interações que haja uma atmosfera sem tensões em que cada colega saiba um pouco da vida pessoal do outro sem ser amigo íntimo:

“Passamos aqui tanto tempo. Se você não pode ser pessoal, se torna difícil, certo? Se você não pode relaxar e ser você mesmo, se você é constantemente um profissional e mantém a fachada, assim creio que ... é importante que você possa mostrar quem você é em seu local de trabalho. Falar sobre assuntos não relacionados ao trabalho. Mas também você precisa estar ciente de que às vezes você deve ... sentir o quanto você pode dizer e o quanto você não pode”. (Professor B, q586)

Talvez em parte porque ser amigo íntimo exige algum trabalho emocional, combinar colaboração acadêmica com amizade pessoal pode ser uma experiência muito intensa. A professora já havia experimentado esta combinação com alguns de seus colegas de pesquisa e disse “tivemos que nos afastar um pouco, ou ficaríamos próximos demais e nos aborreceríamos facilmente, como em um casamento ruim (risos), você como amigo precisa saber de tudo – mas isso dá muito trabalho!” (Professor B, q836). Outra preocupação frequente é que se criem tensões em potencial e sus-

peitas sobre tratamento privilegiado no local de trabalho quando colegas estabelecem laços pessoais muito próximos.

## 8 SER MENTOR, PROMOÇÃO AMIGÁVEL OU ACORDO ENTRE COMPARSAS?

Na universidade, enquanto instituição pública de pesquisa, a fronteira entre, de um lado, normas formais, regras explícitas relativas à contratação de novos talentos para ocupar os cargos de pesquisa e, de outro lado, normas informais e diferentes formas de ajuda, aconselhamento, apoio, orientação e trabalho em rede, pode parecer imprecisa. Tal fronteira deve ser a todo momento demarcada legalmente pelos pesquisadores *senior* e demais encarregados pelas contratações de pessoal. Ao falar sobre a frequente competição por cargos, foi perguntado a um pesquisador *senior*:

*- Existem problemas específicos devidos à concorrência? E o nepotismo?*

“Hum ... digo, se você nos observa no âmbito administrativo, não há dúvida alguma de que nos preocupamos muito com não sermos pegos em nada. Posso dizer que mesmo se chegarmos perto de algo que conflite com as regras de imparcialidade da Administração Pública, vamos pular pela janela! Os funcionários que estão sentados a duas portas daqui simplesmente começariam a gritar! Assim, eu tenho um ótimo teste para saber se algo é uma questão que anule o processo, isto é, levo a questão para eles e, se não gritarem, posso continuar. Nesse âmbito institucional não há dúvidas ... por outro lado, acontecem muitas coisas relacionadas, como diz um colega meu, a apadrinhamento. Isto é, você encontra pessoas que são jovens e que você pode ajudar a progredir. E ao longo do caminho você os treina de seu jeito ... Creio, inclusive, que isso sempre aconteceu.

*- Você quer dizer que isso está relacionado com as contratações?*

“Você pode orientá-los no doutorado, auxiliá-los a obter bolsas de estudo, esse tipo de coisas. Isso acontece muito. Não consigo me lembrar de algum caso de nepotismo puro. Mas penso em pessoas que fazem isso através de apadrinhamento, certo? E consigo também me lembrar de pessoas que foram contratadas para ... defender o ponto de vista do chefe do departamento; poderia me lembrar de alguns exemplos disso. Mas não de algo de que você possa dizer que sejam exemplos claros de nepotismo ‘eu gosto desta pessoa, então assim vai ser’. Além disso, a



concorrência é também muito forte e os recém contratados precisam ter um desempenho autônomo, e se não o tiverem, alguém os expulsará”. (Professor D, q202)

Este interessante testemunho sobre apadrinhamento – no sentido de ter o poder de controlar ou influenciar a contratação de pessoal – pode não surpreender os professores e pesquisadores que conhecem as regras não escritas do jogo. No entanto, isso interfere com o pressuposto de que normas legais e transparentes sobre contratações que focalizem o mérito acadêmico e a competência didática sejam a única proteção contra apadrinhamento e clientelismo, que podem ser difíceis de comprovar. O sistema dinamarquês de contratação tem certa especificidade em relação aos processos em outros países, mas seu processo dividido em duas etapas não é excepcional. Primeiramente, os candidatos são avaliados por um comitê acadêmico que deve incluir membros externos à universidade em questão; na Dinamarca, esse comitê avalia se os candidatos estão qualificados ou não para o cargo, mas sem classificá-los. Em seguida, um comitê diferente, constituído pelos gestores da universidade, incluindo o chefe do departamento e alguns membros da equipe acadêmica, escolhe entre os candidatos qualificados – frequentemente depois de realizar entrevistas e provas didáticas – aquele supostamente mais bem qualificado segundo um conjunto de critérios (suas habilidades acadêmicas, sociais, pessoais, organizacionais e de obtenção de financiamentos) e que servem para sustentar a decisão final do decano. Este sistema não é muito transparente, mas é bastante eficiente. Os candidatos apenas veem a própria avaliação acadêmica (isso diminui a frequência das reclamações) e o decano não precisa justificar a decisão final.

A razão para destacar este contexto institucional do testemunho a respeito de apadrinhamento é óbvia. Isso ilustra uma das formas em que a *ambivalência normativa* entre normas formais e informais relativas às relações interpessoais pode existir e se manifestar: a saber, um sistema de controle legal contra conflito de interesses – baseado em avaliações *inter pares* que devem ser desinteressadas, objetivas, profissionais e que considerem os méritos comprovados das pessoas envolvidas – coexiste com meios informais de apadrinhamento, promoção e proteção de indivíduos no local

de trabalho baseados em uma mistura de reconhecimento profissional e sinergia pessoal. É claramente verdadeiro, embora o apadrinhamento e as redes de amizade tenham perdido seu encanto na vida pública institucional, usando novamente uma expressão de Österberg (2010, p. 79), que os fenômenos em ambos os lados da fronteira oficial entre o público e o privado – burocracia e meritocracia, de um lado, e lealdade pessoal e várias formas de amizade, de outro – ainda existem em paralelo no interior das instituições científicas.

## 9 DISCUSSÃO DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES SOBRE A AMIZADE

Estudar a fronteira entre amizade e colegialidade na universidade no contexto do apadrinhamento e da ambivalência normativa não nos pode fazer esquecer das funções positivas da função do mentor como orientador (SASSI; THOMAS, 2012) e nem nos tornar cautelosos quanto às relações de amizade no trabalho. Os casos devem ser tratados com sensibilidade não apenas a contextos sociais e culturais específicos, mas também às diferentes concepções possíveis das relações interpessoais envolvidas. Para esse propósito, mais abordagens interdisciplinares das práticas e ideias de amizade podem auxiliar a apreender melhor sua complexidade, apreciar seu potencial e identificar os desafios que levantam. A abordagem dos Estudos de Fronteira contribui para a investigação tanto dos limites da amizade no mundo real (sua relação com outras formas de amor, dos tipos de amizade e de sua mudança de significado devido aos processos históricos) quanto no mundo dos conceitos (das similaridades e diferenças as abordagens antropológicas, sociológicas e políticas da amizade) e busca mapear como eles se inter-relacionam.

Muitos dos pesquisadores entrevistados gostam de considerar seus colegas como amigos, embora não necessariamente como seus “amigos pessoais”, em parte por conta dos aspectos profissionais e competitivos da pesquisa. No entanto, competição e crítica das ideias dos membros do mesmo paradigma ou de outras escolas de pensamento podem trazer uma forma de colaboração que o psicólogo ganhador do Prêmio Nobel Daniel Kahneman denomina “adversária”. No capítulo 22 de seu *bestseller* sobre

o processo de decisão, ele descreve sua própria colaboração adversária com Gary Klein de um grupo de pesquisadores bastante céticos sobre o trabalho de Kahneman (2012, p. XXX):

Ao longo de sete ou oito anos tivemos muitas discussões, resolvemos muitas discordâncias, quase explodimos mais de uma vez, escrevemos muitos rascunhos, nos tornamos amigos e publicamos um artigo conjunto com um título que conta essa história: “Condições para a intuição especializada: falhar em discordar”. De fato, não encontramos questões em relação às quais realmente discordássemos – mas tampouco concordávamos realmente.

Essa não é uma amizade que procure boa companhia ou apoio emocional, mas que busca explorar ideias, não tanto ideias sobre a identidade pessoal, como as que Graham Little (2000) denominaria *comunicativas*, mas ideias sobre o mundo, sobre seus tópicos de pesquisa. Esta forma de amizade intelectual pode parecer próxima ao frescor, à liberdade e à iconoclastia que Little (2000, p. 148) atribui a amizades comunicativas, mas está focalizada na rivalidade; essa amizade pode estar próxima ao que ele chama de amizade *social* – uma forma de amizade que “não sabe” que a amizade pode constituir o “paraíso da competição” e pode ser semelhante à amizade entre colegas de trabalho, como descrito acima<sup>10</sup> (LITTLE, 2000, p. 91).

O trabalho interdisciplinar que aproxima colegas de diferentes áreas tem o potencial de criar outras formas especiais de pesquisa. Um exemplo é a colaboração entre um sociólogo, um psicólogo e um crítico literário para investigar um grupo estadunidense de Wicca (um culto religioso de feitiçaria moderna) que atuava em Atlanta, Georgia, no início dos anos de 1990. Uma das pesquisadoras era iniciada e praticante de Wicca e, assim, a pesquisa conjunta permitiu terem a perspectiva interna e a externa sobre o grupo (SCARBORO et al., 1994). Um exemplo diferente de atravessar as fronteiras do interno e o externo é um artigo conjunto de uma ven-

---

<sup>10</sup> É tentador sugerir uma correspondência entre a distinção proposta por Little entre amizade familiar, social e comunicativa com a relação de mentor/orientador, colegialidade e amizade acadêmica, respectivamente, mas a tricotomia proposta por Little teve origem em entrevistas com pessoas em geral e não estavam voltadas a estudar a amizade relativamente a instituições específicas, como a universidade.

dedora de rua cigana espanhola e uma antropóloga universitária que se descrevem a si mesmas como “duas mulheres nascidas na mesma cidade, no mesmo ano, duas mães, duas amigas” que “colaboram reconhecendo que o conhecimento etnográfico é feito por meio de etnólogos e testemunhos de participantes e deve pertencer a ambos” (GAY Y BLASCO; HERNÁNDEZ, 2012, p. 1) Em seu fascinante texto, pesquisadora e tema pesquisado – uma cultura específica à qual se tem acesso por meio de um de seus membros – se fundem em uma narrativa única, baseada sobre uma amizade emergente, uma relação edificada em comunicação, exploração, curiosidade, questionamento, ajuda mútua, diálogo e simpatia.

A parte teórica do estudo piloto descrito neste capítulo consiste na investigação da amizade como é estudada por diferentes disciplinas (EMMECHE, em preparação): na filosofia, a amizade é vista em uma perspectiva principalmente ética, desde a tradição clássica da ética das virtudes até as abordagens utilitarista e deontológica da modernidade. A *antropologia* da amizade parece girar em torno a uma distinção básica entre a noção ocidental moderna de amizade, como algo privado e emocional, *versus* uma profusão de formas, como rituais de parentesco, compadrio, irmandade de sangue, apadrinhamento (*patronage*) e demais formas de amizade na cultura ocidental e em outras culturas. A ciência política, na medida em que lida com a relação de amizade, se preocupa com seu potencial como força civilizatória, seu papel na luta cotidiana pelo poder político, ou nas diferenças entre amizade pessoal e a noção mais abstrata em que a própria política está estruturada pela distinção amigo-inimigo. A sociologia da amizade lida com a amizade em diferentes classes, grupos, períodos e investiga se a sociedade contemporânea liberta a amizade de seus vínculos iniciais com parâmetros sociais, econômicos, raciais ou étnicos, tornando-a mais individual e reflexiva. Um vasto número de textos nas áreas de psicologia social e do desenvolvimento lida com a amizade na infância, na adolescência e na maturidade baseados em teorias correntes sobre a família, a identidade e o desenvolvimento da personalidade.

Como se trata de uma noção confusa da linguagem cotidiana, não podemos dar por certo que essas disciplinas necessariamente estudam o mesmo tipo de relação que se dá na realidade social. Assim, existe a tarefa

de investigar o modo como cada disciplina constitui seu tipo de objeto de pesquisa ao transformar compreensões pré-teóricas do fenômeno da amizade em um modelo dela, informado por um paradigma.

Finalmente, para um estudo das fronteiras da amizade, não podemos nos esquecer da fronteira entre a amizade real e a ideal, e da fronteira entre o conhecimento que a pesquisa racional pode oferecer e os aspectos inefáveis da amizade enquanto praticada. Tenhamos cuidado com as teorias que sugerem um padrão prático impossível de ser seguido, o que faria a pesquisa imoral e estéril<sup>11</sup>. A amizade é melhor como uma prática imperfeita do que um estudo sobre ideais, e isto também se aplica às formas intelectuais de amizade.

## REFERÊNCIAS

- ANDERSON, M. S.; RONNING, E. A.; VRIES, R.; MARTINSON, B. C. Extending the mertonian norms: scientists' subscription to norms of research. *The Journal of Higher Education*, v. 81, n. 3, p. 366-393, 2010.
- ANDERSON, P. W. More is different. *Science*, v. 177, p. 393-396, 1972.
- BLOCH, C. *Passion and paranoia. Emotion and the culture of emotions in academia*. Farnham: Ashgate, 2012.
- CHAITIN, G. J. *Information, randomness & incompleteness. Papers on algorithmic information theory*. 2nd. ed. Singapore: World Scientific, 1992.
- COLLINS, R. *The sociology of philosophies: a global theory of intellectual change*. Cambridge, Mass.: Belknap Press of Harvard University Press, 1998.
- CAROLAN, M. Sociological ambivalence and climate change. *Local Environment*, v. 15, n. 4, p. 309-321, 2010.
- CREATH, R. The unity of science: carnap, neurath, and beyond. In: GALISON, P.; STUMP, D. J. (Ed.). *The disunity of science. Boundaries, Contexts, and Power*. Stanford, CA: Stanford University Press, 1996, p. 158-169.

<sup>11</sup> Como Pan diz ao Filósofo na obra de James Stevens *The Crock of Gold* (p. 77).

DÍAZ-ANDREU, M. Internationalism in the invisible college: political ideologies and friendships in archaeology. *Journal of Social Archaeology*, v. 7, n. 1, p. 29-48, 2007.

EMMECHE, C. Interdisciplinarity challenges in the study of friendship (cf. the abstract: Desafios da interdisciplinaridade no estudo da amizade. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DE INFORMAÇÃO, CONHECIMENTO E AÇÃO: Informação e Complexidade: novos paradigmas no estudo do conhecimento e da ação, 8., 2013, Marília. *Resumos...* Marília, UNESP, 2013. ISSN: 2357-819X).

GALLOPIN, G. C.; FUNTOWICZ, S.; O'CONNOR, M.; RAVETZ, J. Science for the twenty-first century: from social contract to the scientific core. *International Journal Social Science*, v. 68, p. 219-229, 2001.

GAY Y BLASCO, P.; HERNÁNDEZ, L. C. Friendship, anthropology. *Anthropology and Humanism*, v. 37, n. 1, p. 1-14, 2012.

GEERTZ, C. Thick description: toward an interpretive theory of culture". In: \_\_\_\_\_. *The interpretation of cultures: selected essays*. New York: Basic Books, 1973, p. 3-30.

GIERE, R. N. *Scientific perspectivism*. London: The University of Chicago Press, 2006.

GOODRICH, P. Laws of friendship. *Law and Literature*, v.15, n.1, p. 23-52, 2003.

HONEYBONE, M. Sociability, utility and curiosity in the Spalding Gentlemen's Society, 1710-60. In: KING, D. M.; EDDY, M. D. (Ed.). *Science and beliefs: from natural philosophy to natural science, 1700-1900*. Aldershot, Hampshire: Ashgate, 2005. p. 63-75.

HULL, D. L. Varieties of reductionism: derivation and gene selection. In: van REGENMORTEL, M. H. V.; HULL, D. L. (Ed.). *Promises and limits of reductionism in the biomedical sciences*. Chichester: John Wiley & Sons, 2002. p. 161-177.

KAHNEMAN, D. (2011). *Thinking, fast and slow*. London: Allen Lane (Penguin), 2012.

KALMAN, H. Indispensable and productive tensions in research collaboration. In: GRIFFIN, G.; BRÄNSTRÖM-ÖHMAN, A.; KALMAN, H. (Ed.). *The emotional politics of research collaboration*. New York: Routledge, 2013. p. 40-52.

KELLER, E. F. Science as a medium for friendship: how the Keller–Segel Models came about. *Bulletin of Mathematical Biology*, v. 68, p. 1033–1037, 2006.

KIOPA, A. *The prevalence and productivity effects of close Friendship in Academic Science*. 2013. Dissertation - The Academic Faculty at Georgia Institute of Technology, 2013.

KOHLSTEDT, S. G. Foreword: the material and personal value of care. In: LYKKNES, A.; OPITZ, D. L.; van TIGGELEN, B. (Ed.). *For better or for worse? Collaborative couples in the sciences*. Heidelberg & New York: Springer Birkhäuser, 2012. (Science Networks. Historical Studies, v. 44).

KONSTAN, D. *Friendship in the classical world*. New York: Cambridge University Press, 1997.

KÜHN, S. We have not failed to remember you on all occasions & to drink constantly your health– Drinking rituals and the social model of triads in early modern scholarly friendship. In: DESCHARMES, B. et al. (Ed.). *Varieties of friendship. Interdisciplinary perspectives on social relationships*. Göttingen: V&R unipress, 2011. p. 175-190.

KVALE, S.; BRINKMANN, S. *InterViews: learning the craft of qualitative research interviewing*. 2nd ed. London: Sage, 2009. [Danish edition: *InterView. Introduktion til et håndværk*. Hans Reitzel Forlag, København, 2009]

LAW, J.; MOL, A. (Ed). *Complexities: social studies of knowledge practices*. Durham and London: Duke University Press, 2002.

LITTLE, G. *Friendship: being ourselves with others*. Melbourne: Scribe Publications, 2000. (A minor revision of the 1st ed., Melbourne: Text Publishing, 1993)

MACFARLANE, B.; CHENG, M. Communism, universalism and disinterestedness: re-examining contemporary support among academics for Merton's scientific norms. *J. Acad. Ethics*, v. 6, p. 67-78, 2008.

MERTON, R. K. *The sociology of science. Theoretical and empirical investigations*. Chicago & London: The University of Chicago Press, 1973.

NIELSEN, K. H. Sociological ambivalence in the commodification of academic research. *Science as Culture*, v. 21, n. 3, p. 405–408, 2012.

NIXON, J. *Towards the virtuous university: the moral bases of academic practice*. New York: Routledge, 2008.

ÖSTERBERG, E. *Friendship and love, ethics and politics. Studies in the medieval and early modern history*. Budapest & New York: Central European University Press, 2010.

PALMER, C. L.; NEWMANN, L. J. The information work of interdisciplinary humanities scholars: exploration and translation. *The Library Quarterly: Information, Community, Policy*, v. 72, n. 1, p. 85-117, 2002.

POPPER, K. R. The myth of the framework. In: NOTTURNO, M. A. (Ed.). *Defence of science and rationality*. New York: Routledge, 1994.

SASSI, K.; THOMAS, E. E. If you weren't researching me and a friend...: the mobius of friendship and mentorship as methodological approaches to qualitative research. *Qualitative Inquiry*, v. 18, n. 10, p. 830-842, 2012.

SCARBORO, A.; CAMPBELL, N.L.; STAVE, S. *Living witchcraft: a contemporary american coven*. Westport, CT: Praeger, 1994.

SMITH, G. M. *Friendship and the political. Kierkegaard, Nietzsche, Schmitt*. Exeter: Imprint Academic, 2011.

SMITH, V.; YEO, R. Friendship in early modern philosophy and science. *Parergon*, v. 26, n. 2, p. 1-10, 2009.

STERN-GILLET, S. *Aristotle's philosophy of friendship*. Albany, NY: State University of New York Press, 1995.

TRAVIS, G. D. L.; COLLINS, H. New light on old boys - cognitive and institutional particularism in the peer review system. *Science, Technology & Human Values*, v. 16, n. 3, p. 322-341, 1991.

WHITLEY, R. *The intellectual and social organization of the sciences*. 2nd. ed. Oxford: Oxford University Press, 2000.

### **Agradecimentos:**

Agradeço aos assistentes de pesquisa Di Ponti e Jeppe Hougaard por realizarem as entrevistas para o estudo piloto e fazerem comentários úteis. Agradeço também aos membros do grupo de pesquisa Humanomics pela colaboração estimulante e a Theresa Schilhab e Jon Nixon pelos importantes comentários. Um agrade-